

INVESTIGAÇÕES CONCEITUAIS, FILOSÓFICAS, HISTÓRICAS E EMPÍRICAS DA PSICOLOGIA

Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)



Editora Chefe

Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Ezequiel Martins Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

I62 Investigações conceituais, filosóficas, históricas e empíricas da psicologia / Organizador Ezequiel Martins Ferreira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5706-621-8
DOI 10.22533/at.ed.218202311

1. Psicologia. 2. Filosofia. 3. História. I. Ferreira, Ezequiel Martins (Organizador). II. Título.

CDD 150.1

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

CAPÍTULO 14

O DESENHO DA ÁRVORE NA COMPREENSÃO DA DEPRESSÃO EM ADOLESCENTES

Data de aceite: 01/11/2020

Rita de Cassia de Souza Sá

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, USP
<http://lattes.cnpq.br/9027722884294756>

Leila Salomão de La Plata Cury Tardivo

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, USP
<http://lattes.cnpq.br/2830079727932021>

Helena Rinaldi Rosa

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, USP
<http://lattes.cnpq.br/3525291475903148>

RESUMO: O desenho da árvore foi um dos elementos empregados na elaboração de testes projetivos gráficos, considerando seu caráter simbólico o qual possibilita acesso a conteúdos inconscientes e primitivos. A universalidade da representação da árvore é de fácil acesso e por isso possível de ser aplicado facilmente em quaisquer contextos e a distintas idades, incluindo o público adolescente. Neste estudo, foram analisados qualitativamente os desenhos da árvore de 10 adolescentes: 5 que apresentaram sinais de depressão, e 5 que não apresentaram sinais de depressão, avaliados em contexto clínico. O resultado demonstrou diferenças nas árvores desenhadas pelos 2 grupos. Naqueles com sinais de depressão, entre outros aspectos, percebeu-se que a árvore possui o tronco com mais cicatrizes e a copa com mais elementos,

o que pode estar correlacionado com o estado emocional, neste caso, a introversão. São realizadas outras discussões sobre elementos dos desenhos de árvore. Os resultados podem contribuir na compreensão de sinais de depressão na adolescência. E sugere-se uma ampliação do estudo

PALAVRAS - CHAVE: Teste da Árvore; Testes Projetivos; Adolescência; Depressão; Depressão na Adolescência;

THE DRAWING OF THE TREE IN UNDERSTANDING THE DEPRESSION IN ADOLESCENTS

ABSTRACT: The drawing of the tree was the basis for the construction of projective tests involving drawings, given its symbolism, which gives access to the primitive and unconscious content. Of easy access and application in different cultures, varied contexts and age, the representation of the tree is universal, and therefore suitable for adolescents. For this study, the drawings of the tree of 10 adolescents were qualitatively analyzed, where 5 showed signs of depression, and 5 showed no signs of depression, having been evaluated in a clinical context. The result showed (significant) differences in the trees drawn by the two groups. For those with signs of depression, the tree presented trunks with more scars and the canopy with more elements, relatable to their emotional state, in this case, introversion. The sample presented is only a cutout that may contribute to the understanding of depression in adolescence. And it is suggested an expansion of the study.

KEYWORDS: Tree Test; Projective Tests; Adolescence; Depression; Depression in

INTRODUÇÃO

Do simbolismo da árvore

A sacralidade e simbolismo envolvendo a árvore são vivenciados em muitas culturas. Em sua representação por meio do desenho não é diferente, dado o caráter simbólico que possibilita acesso a conteúdos inconscientes e primitivos. A universalidade da representação da árvore é de fácil acesso e por isso possível de ser aplicado facilmente em quaisquer contextos e distintas idades. Este foi o caminho que trouxe o desenho da árvore ao campo da avaliação psicológica.

"A árvore está entre os símbolos que, ao nível cultural, fornecem uma linguagem simbólica universal, com padrões facilmente decifráveis. Como um arquétipo "natural", a árvore não depende de estruturas socioculturais para o seu sentido. Por isso, seus resultados se mantém acima destes." (Crichyno, 2017)

A identificação com a árvore pode ser observada pelo uso metafórico de seu ciclo anual como representação das fases da vida. Observa-se na árvore o próprio processo de crescimento, reprodução e morte, e também a possibilidade de recuperação(Campbell,1990;Frazer,1986;Jung,1949,1991;Crichyno,2017).A escolha da árvore como tema baseou-se, portanto, no estudo da história da cultura e dos mitos, nos quais a árvore tem simbolismo privilegiado (Van Kolck,1984; Hammer,1991).

Em 1928, partindo de uma base exclusivamente intuitiva, o suíço Emil Jucker passou a utilizar o desenho da árvore para identificar possíveis dificuldades de pacientes que o procuravam em busca de orientação educacional e vocacional (Carneiro & Gonçalves, 1987). Jucker, então, foi o primeiro a usar o desenho da árvore como instrumento de avaliação da personalidade, pois considerava que a árvore possuía características antropomórficas válidas para investigação psicológica (Kosh, 1968)

No ano de 1934 Hurlock e Thomson realizaram um uso inovador do desenho da árvore em crianças de 4 a 8 anos; e Schliebe na Alemanha, também em 1934, tentou estabelecer um método de avaliação da personalidade por meio do desenho da árvore(Carneiro & Gonçalves, 1987). Com o objetivo de investigar os afetos, solicitava vários desenhos de árvores, começando pelo desenho de uma árvore qualquer, seguido condições dadas à árvore como gelada, alegre, pedindo ajuda, sofrendo e, por fim, morta. Posteriormente, Renée Stora, na França, adaptou e modificou a técnica, tornando-a mais dirigida, mas, seu trabalho teve pouca repercussão no Brasil (Anzieu, 1988).

Foi somente em 1949 que o discípulo de Jucker, Karl Koch estruturou o *Teste da Árvore*. Divulgou seu trabalho neste mesmo ano em duas publicações, a partir de estudos

experimentais e reflexões fenomenológicas sobre os possíveis significados de cada traço da produção gráfica do desenho, e aplicando tratamento estatístico ao material coletado (Koch, 1968; Van Kolck, 1984; Hammer, 1991). Imerso nesse campo profícuo sobre os estudos projetivos envolvendo o desenho, especialmente a árvore, Buck entre o ano de 1948 e 1949 baseou-se nos estudos que vinham sendo desenvolvidos, para elaboração do *House-Tree-Person Test* ou Teste do Desenho da Casa-Árvore-Pessoa HTP (Buck, 2003) inserindo, portanto, os desenhos da Casa e da Pessoa, a partir dos estudos do Teste da Árvore (Carneiro e Gonçalves, 1987).

A Árvore, por sua condição básica, natural e vegetativa, favorece a projeção de sentimentos mais profundos da personalidade e do *self* em um nível mais primitivo. Como a relação entre o indivíduo e a árvore não é tão evidente, esse desenho favorece também a atribuição de sentimentos mais profundos, negativos ou perturbadores com menos exigência de manobras defensivas do ego (Hammer, 1991).

A adolescência e a depressão na adolescência

Para Aberastury (1971, 1983), a adolescência é um momento crucial na vida humana, sendo etapa decisiva de um processo de desprendimento, assim como um momento de luto pela perda da infância e pelos pais da infância, misturando o ego e o mundo exterior. Nesse período, todo o complexo psicodinâmico caracteriza a adolescência como um período de instabilidade (Aberastury e Knobel (1916;1981). É caracterizada, pois, por uma época de consideráveis transformações, repercutindo não apenas no indivíduo, mas também na sua família e na comunidade (Schoen-Ferreira, Aznar-Farias e Silvares, 2010; Tardivo, 2007; As principais mudanças crescimento rápido, conscientização da sexualidade, estruturação e consolidação da personalidade, integração social, em contato e adaptando-se ao ambiente (Yazlle, 2006)., Pode haver conflitos com os pais , e tendo como tarefa principal a busca da identidade (Erikson, 1971. Aberastury & Knobel, 1916,1981)

De acordo com a Organização Pan-Americana de Saúde OPAS (2018) adolescência é um período da vida humana, compreendido entre 10 e 19 anos caracterizado por vulnerabilidades diversas, entre estas, fragilidade emocional. Para a OPAS (2018), a depressão é uma destas fragilidades que colocam o adolescente em considerável situação de preocupação. Aponta ainda que, metade das condições de saúde mental de um ser humano começa em torno dos 14 anos de idade, no entanto, a considerável maioria não é detectada nem tratada.

O estado depressivo na criança e o adolescente pode ser caracterizado por fadiga, sentimento de culpa e inutilidade, ansiedade, dificuldade para tomar decisão, desesperança, expressões de desamparo, agitação, irritação e explosividade (Rudolph, 2009; Campos, Del Prette & Del Prette, 2014). Alvarez (1994).

Numa perspectiva psicanalítica, depressão pode ser compreendida desde Freud(1915) quando apresenta o conceito da melancolia, passando por Klein(1975) que

desenvolve a partir dessa acepção, o conceito de defesa maníaca presente na depressão, que seria uma proteção em relação a uma condição paranóide que o ego é incapaz de controlar. Para a autora, o sentimento mais específico na mania seria a onipotência, esta utilizada para controlar os objetos introjetados.

Alvarez(1994) amplia o conceito de posição maníaca. Para a autora, “uma visão mais moderna de uma posição depressiva saudável implica, por definição, certo desenvolvimento na linha de uma posição maníaca” defendendo que há certo movimento para a vida em pessoas com certa “onipotência”.

No caso dos adolescentes se espera certa onipotência e o uso de negação diante de tantas mudanças que devem ser enfrentadas em tão pouco tempo. (Aberastury,1971). Entre as dificuldades a serem enfrentadas, esta autora descreve três importantes perdas: do corpo infantil, dos pais da infância e da condição infantil. Nesse sentido, é necessário que o adolescente possa viver estes lutos para poder se desenvolver. E uma base forte fornecida pela sociedade garante o desenvolvimento. Porém por estrarem enfrentando tantas dificuldades, e viverem num meio muitas vezes também conflitivo, acaba sendo a fase mais vulnerável de todo o desenvolvimento humano (Dolto, 1990)

Técnicas projetivas e a possibilidade de avaliação de depressão na adolescência

As técnicas projetivas nasceram nas bases da psicanálise tendo em vista a perspectiva de que o indivíduo seja capaz de expressar conteúdos escondidos dentro de si mesmo, ou seja, inconscientes, quando mediações lhe forem propostas. Caracteriza-se, portanto, pela apresentação de uma tarefa relativamente não estruturada, solicitando ao sujeito que interprete ou organize, à sua maneira, o estímulo apresentado. Tal mecanismo de projeção, inerente ao humano, revela aspectos fundamentais do funcionamento psicológico. Nesse sentido, as técnicas projetivas têm se mostrado capazes de garantir científicidade no contexto da avaliação psicológica (Tardivo, 2018).

Hammer (1981) ao se referir dos desenhos projetivos, ressalta que os músculos de um indivíduo são muitas vezes a expressão psicomotora mais eloquente que palavras. Desta forma, ressalta a importância de se avaliar os aspectos gerais e estruturais dos desenhos produzidos como reveladores de dados da estruturação da personalidade do indivíduo.

O princípio básico para a interpretação dos desenhos é de que a folha de papel representa o ambiente e o desenho sempre se refere ao indivíduo que desenha (Van Kolck, 1984). A mesma autora considera que a produção pode ser analisada sob três perspectivas: adaptativa; expressiva ou formal; e projetiva, ou de conteúdo (Van Kolck, 1984; Hammer, 1978).

Nesse sentido, a técnica projetiva é uma criação que expressa a maneira pela qual o indivíduo estabelece contato com a realidade interna e externa. As instruções ou os

estímulos destes instrumentos atuam, pois, como os mediadores das relações vinculares que mobilizam variados aspectos de sua vida emocional; por esse motivo, são chamados testes projetivos ou de projeção da personalidade (Grassano,1997). Dessa forma, em presença de certas situações, em geral figuradas por imagens possivelmente relacionadas com conflitos vividos, ou por instruções, o indivíduo responde aos estímulos em função dos próprios problemas, dando livre curso às ideias inconscientes (Tardivo & Pinto Junior, 2012; Tardivo, Pinto Junior & Vieira, 2012).

OBJETIVO

Apresentar características indicativas nos aspectos projetivos que diferenciam o desenho da árvore de adolescentes com e sem depressão.

MÉTODO

O presente estudo adotou um enfoque descritivo, exploratório e com análise qualitativa, tendo como base a metodologia de Tardivo e colaboradores (2016).

Participantes

Participaram do presente estudo dez adolescentes, entre 14 e 18 anos.

Grupo 1 – composto por 5 adolescentes que apresentaram sinais de depressão pela pontuação acima de 17, a nota de corte no *Children's Depression Inventory CDI* (Kovacs,1983; 1985)

Grupo 2 – composto por 5 adolescentes sem indícios de depressão, da população geral com pontuação abaixo da nota corte no *Children's Depression Inventory CDI* (Kovacs,1983; 1985)

Todos os aspectos éticos foram respeitados.

Instrumentos e Procedimentos

Os 10 adolescentes foram entrevistados individualmente para contemplarem os dados pessoais e realizaram o desenho da árvore, descrito anteriormente, e o Questionário de Depressão Infantil, e outros num protocolo mais amplo .

Questionário De Depressão Infantil

O CDI foi elaborado por Kovacs (1983;1985), adaptado do *Beck Depression Inventory* para adultos. O objetivo do CDI é detectar a presença e a severidade do transtorno depressivo na infância. Destina-se a identificar alterações afetivas em crianças e adolescentes dos 7 aos 17 anos de idade. Este inventário é composto por 27 itens, cada um com três opções de resposta As opções são pontuadas de 0 a 2 e o teste pode ser aplicado individual ou coletivamente. O CDI foi adaptado, no Brasil por Gouveia, Barbosa, Almeida e Gaião (1995), sendo por eles apresentado como um instrumento com características

psicométricas satisfatórias O ponto de corte do CDI foi estabelecido em 17 pontos.

Critérios de Análise

Foram objeto de análise na presente pesquisa ainda os aspectos expressivos, que se referem à forma como o indivíduo se coloca no mundo e como se sente, ou, aspectos de sua personalidade. As correlações são:

Posição da folha: a folha representa o ambiente e sua posição indica como o sujeito se coloca nele; Localização na página: revela a orientação geral do sujeito no ambiente e consigo próprio. Observa-se o centro, 1º, 2º, 3º e 4º quadrantes, metades direita, esquerda, superior e inferior, além de outras possibilidades mais raras; Tamanho em relação à folha: relação do sujeito com seu ambiente, como reage às pressões, podendo ir desde sentimentos de inadequação e inferioridade até fantasias compensatórias de supervalorização); Qualidades do grafismo: relaciona-se à manifestação de energia, vitalidade, decisão, iniciativa ou emotividade, insegurança e falta de confiança em si, tem a ver com a linha grossa e o tipo de traçado; Resistências: representam atitudes negativistas e de oposição em relação ao desenho; Postura da Árvore ou da Pessoa: diz respeito à estabilidade ou instabilidade; Transparências: o julgamento perspectivo da realidade; Sombreamento: relação com ansiedade; Outros dados como Proporção: avaliam a harmonia, ou desarmonia na personalidade (Van Kolck, 1984; Hammer, 1981; Tardivo, Marques, Moraes & Tosi, 2016; Sá, Rinaldi e Tardivo, 2018)

No presente estudo foram considerados os Aspectos Projetivos dos desenhos da árvore de todos os participantes da pesquisa. A opção, aqui, tendo em vista pontos de análise qualitativa, foi apenas descrever características dos Aspectos Projetivos na análise, divididos em três grandes campos: Aspectos Globais, como por exemplo, perceber se a árvore encontra-se instável, rígida, cortada, entre outros; os Elementos da Árvore, como o tronco, raízes, copa, galhos, folhas, frutos e suas características; e finalmente, os Elementos do Ambiente, como a presença ou não de chuva, nuvens, ou outros que aparecerem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram observadas similaridades e diferenças, a partir de características pesquisadas na tabela elaborada por Tardivo & cols(2016).

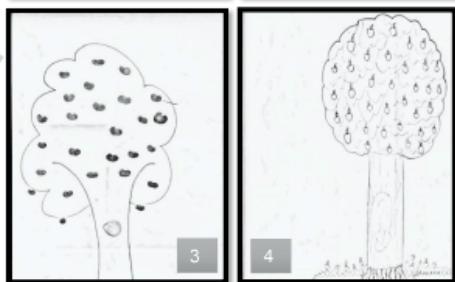
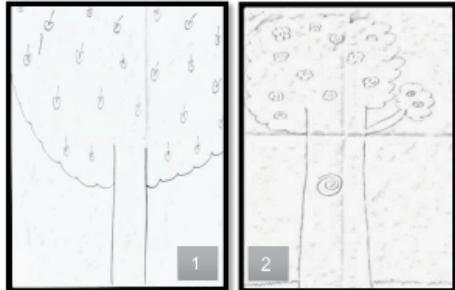
Árvores dos Adolescentes com Depressão:

Aspectos Globais

Impressão Geral:

- 2 Fortes
- 2 Rígidas
- 1 Confusa

- Tipos de árvores: Todas são árvores comuns

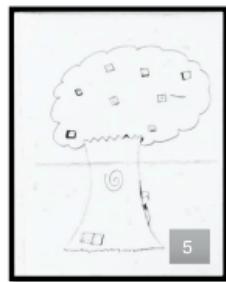


Elementos do Ambiente

Não apresentam muitos elementos no ambiente, fora da árvore.

Elementos das Árvores

Em se tratando do Tronco, a maioria apresentou troncos considerados adequados, e um foi considerado frágil (árvore 1). A maioria também apresentou uma conformação rígida. No espaço entre o tronco e a copa compreendido como *intersecção com a copa*, das cinco árvores, três apresentaram-se abertas nesta intersecção (árvores 1, 2 e 3). Quando observada a superfície do tronco, há predominância dos que têm cicatriz (árvores 2, 3, 4 e 5). Observando as Raízes, pôde-se notar que a maioria não as apresentou (árvores 1, 2, 3 e 5). Foi notado que todas têm Copas. Nas copas das cinco árvores, observa-se a presença de Elementos: trés com frutos (árvores 1, 3 e 4) uma com flores (árvore 1) e uma com livros (árvores 5). Todas têm *linha da copa fluida*. Quanto aos Galhos, estes praticamente não foram desenhados, exceto na árvore 2 que aparece um pequeno e encoberto. Folhas foram apenas insinuadas nas árvores; e Frutos, quando desenhados foram abundantes e presentes na maioria (árvores 1, 3 e 4).



Árvores dos Adolescentes sem sinais de
Depressão:

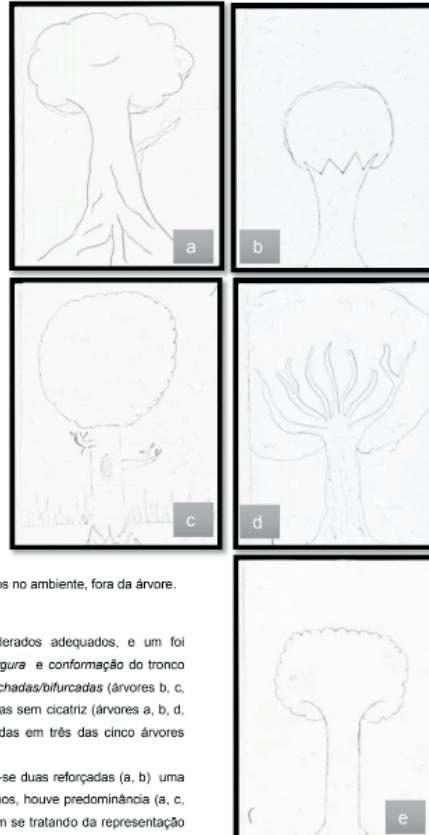
Aspectos Globais

Impressão Geral:
• 3 Harmoniosas
• 2 Fortes

• Tipos de árvores: Todas
são árvores comuns

Elementos do Ambiente
Não apresentam muitos elementos no ambiente, fora da árvore.

Elementos das Árvores
Em se tratando do Tronco, a maioria apresentou troncos considerados adequados, e um foi considerado reforçado (árvore a). Todas as árvores apresentaram largura e conformação do tronco adequadas. No espaço de intersecção com a copa, predominou as fechadas/bifurcadas (árvores b, c, d). Na superfície do tronco, das cinco árvores, quatro foram desenhadas sem cicatrizes (árvores a, b, d, e). Quando se tratou das Raízes, percebe-se que foram representadas em três das cinco árvores (árvores a, c, d). Todas as árvores têm Copas.
Nenhuma das copas possui Elementos. As linhas da copa mostraram-se duas reforçadas (a, b) uma controlada(c), uma descontínua(d), e uma fluida(e). Quanto aos Galhos, houve predominância (a, c, d) e sobre as Folhas, estas não foram indicadas. O mesmo houve em se tratando da representação dos Frutos: não foram desenhados.



As árvores apresentaram diferenças e similaridades. Assemelharam-se quanto ao tipo de árvore: todas, nos dois grupos, são árvores comuns; todas também em ambos os grupos apresentaram elementos essenciais, com tronco e copa.

Quanto aos aspectos que diferenciaram os grupos, estas são percebidas principalmente no tronco, pois os adolescentes com depressão desenharam mais cicatrizes do que aqueles que não tinham. Outra diferença claramente perceptível dá-se na copa das árvores: naquelas desenhadas por adolescentes sem sinal de depressão não há a presença de elementos, enquanto nos desenhos do grupo com os adolescentes com depressão, há a presença de frutos, flores e elemento bizarro para a copa de uma árvore, ou seja, livros.

A maioria dos adolescentes com depressão também não desenhou raízes em suas árvores, enquanto que a maioria daqueles que não apresentaram os sinais do transtorno, as fizeram. Os adolescentes com depressão não fizeram galhos, em sua maioria; e os sem depressão apresentaram mais galhos. No ambiente, fora da árvore, os adolescentes com

depressão apresentaram mais elementos, inclusive, em uma delas uma pessoa escondida, além de um elemento não comum ao ambiente da árvore, um livro.

De uma forma geral, as árvores dos adolescentes sem depressão mostraram-se com menos elementos: no tronco, na copa e no ambiente, enquanto que aqueles com depressão desenharam árvores com troncos, copas e ambiente com mais elementos, mas, sem muitas raízes.

Ao se observar nesta amostra o desenho das árvores feitas por adolescentes com depressão, percebeu-se que: quanto à posição da folha, a maioria desenhou na posição que foi lhe dada, ou seja, na vertical. No grupo 1, houve um participante que virou a folha e a colocou na horizontal, inclusive, ultrapassando os limites da própria folha, não podendo ser possível ver onde a copa da árvore terminava.

Partindo do pressuposto de que a folha representa o ambiente, e sua posição indica como o sujeito se coloca nele, segundo Hammer (1981) e Van Kolck (1984). Todos tenderam a desenhar árvores grandes. Este parece ser um indicativo de que os adolescentes com depressão deste grupo desenham árvores maiores, como se eles próprios de algum modo, ocupassem 'mais' o ambiente que estão inseridos. Pode ser um indicativo deste grupo de uma tendência de lidar com as pressões por meio de fantasias compensatórias de supervalorização (Hammer, 1981; Van Kolck 1984), se comparadas as mesmas características no desenho das árvores daqueles sem depressão. Os depressivos em geral desenham figuras menores que os demais (Hammer, 1981), aqui pode ser evidenciado o que Alvarez(1994) descreveu como a posição maníaca como um movimento no deprimido onde há uma certa "onipotência". Nessa perspectiva, essa onipotência característica na depressão, presente na posição maníaca, seria uma tentativa emergencial de sair do estado depressivo.

Outros dados como os elementos da árvore que avaliam a harmonia ou desarmonia na personalidade, ainda segundo Hammer (1981) e Van Kolck(1984), pode ser percebida na presença de cicatriz. Na maioria das árvores do grupo dos adolescentes com depressão, esta "marca" aparece, o que pode indicar a representação de possíveis situações dolorosas, 'cicatrizes', vividas ou introjetadas por esse grupo. Como a relação entre o indivíduo e a árvore não é tão evidente, esse desenho favorece também a atribuição de sentimentos mais profundos, negativos ou perturbadores com menos exigência de manobras defensivas do ego (Hammer, 1981).

Outro aspecto ainda em relação aos elementos da árvore, diz respeito às raízes. No grupo dos adolescentes com depressão, as árvores foram desenhadas com menos raízes se comparadas com as dos jovens sem depressão. Para Hammer (1981), pode-se entender que a falta de raízes na árvore, por sua condição básica, natural e vegetativa, (Hammer, 1981)., dos adolescentes com depressão pode demonstrar uma menor integração e senso de conexão consigo mesmo, *versus* aqueles sem indícios de depressão que desenharam mais raízes, denotando certa força no ego, como que "fincados" em certa integração, e

conexão com um centro, um *self*.

A presença e ausência de elementos na copa apareceram ainda como diferença nos grupos. Tanto frutos como flores ou objeto bizarro para uma árvore (livro) estão presentes na copa do grupo de adolescentes com depressão, enquanto que naqueles sem depressão suas copas apareceram mais “limpas”, podendo ser compreendido o ainda como aspectos da harmonia ou desarmonia na personalidade. As árvores do grupo de adolescentes com depressão demonstraram-se mais fantasiosas, levando-se em conta os elementos desenhados com formatos infantis, com ênfase nas flores e naquela com livros, como se de algum modo estes adolescentes estivessem regredidos, infantilizados, paralisados em certo ponto do desenvolvimento.

Considerando todas as diferenças, foi possível também perceber certa similaridade nas representações gráficas da árvore dos adolescentes. Similaridade que está presente nos dez protocolos: adolescentes com ou sem depressão que desenharam ‘árvore comuns’. Uma hipótese é que todos os participantes estão na adolescência, esse período que, por todo o complexo psicodinâmico, caracteriza-se como um período de instabilidade (Aberastury e Knobel, 1981).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi apontar características dos aspectos projetivos do desenho da árvore de adolescentes com e sem depressão. Observa-se que foram encontradas diferenças entre as árvores feitas pelos dois grupos, principalmente na quantidade de elementos no tronco, na copa e no ambiente externo à árvore.

Percebeu-se ainda que, mesmo naqueles com certificada depressão, parece haver a possibilidade do desenvolvimento do que Winnicott (1994) chamou de sentimentos ascensionais, portanto, uma abertura, uma possibilidade, uma busca ainda que num nível mais profundo. Pode ser entendido como manifestação de certa onipotência, e uma tentativa de restabelecimento de sua integração psíquica, pois, de sua saúde emocional: um olhar para cima, assim como a árvore o faz!

O desenho da árvore evidenciou aspectos do fenômeno depressão na adolescência, mostrando-se útil e bastante viável na avaliação e compreensão da depressão na adolescência, ainda que a amostra apresentada seja apenas um recorte.

Considera-se que uma pesquisa mais ampla necessita ser feita a fim de verificar se tais diferenças se confirmam. As características analisadas nesse estudo foram capazes de contribuir na compreensão dos aspectos projetivos de grupos vulneráveis, nesse caso, dos adolescentes com depressão, indivíduos em formação que necessitam ajuda por meio de ações acolhedoras e interventivas.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A. **Adolescência**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1971. (Original publicado em 1917)

ABERASTURY, A. & KNOBEL, M. **Adolescência Normal**. Trad. de Suzana Maria Garagoray Balve. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981. (Original publicado em 1916)

ALVAREZ, A. **Depressão clínica e desespero: defesas e recuperação**. In ALVAREZ, A. Psicoterapia psicanalítica com crianças autistas, borderline, carentes e maltratadas. Porto Alegre. Companhia viva: Ed. Artes Médicas, 1994

ANZIEU, D. **Os métodos projetivos**. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

BAHLS, S. C., & BAHLS, F. R. C. **Depressão na adolescência: Características clínicas**. Interação em Psicologia: 49-57, 2002.

BUCK, J. N. (2003). **H-T-P: Casa – Árvore – Pessoa. Técnica Projetiva de Desenho: Manual e Guia de Interpretação**. (1^a ed.). São Paulo: Votor.

CAMPOS, J.R., DEL PRETTE, A., & DEL PRETTE, Z.A.P. **Depressão na adolescência: Habilidades sociais e variáveis sociodemográficas como fatores de risco/proteção**. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 14(2), 408-428, 2014.

CAMPBELL, J. **O Poder do mito**. São Paulo: Palas Atena, 1990.

CARNEIRO, F.C. & GOÇALVES, R.A. **O teste do desenho da árvore e a relação tronco coroa**. Jornal de Psicologia, Universidade do Porto, V.6, 4, 3-8, 1987. <https://repositorioaberto.up.pt/bitstream/10216/25306/2/85973.pdf>

CRICHYNO, Jorge. Árvore e imaginário **simbólico como lugar poético de memória na paisagem**. Rev. NUFEN, Belém, v. 9, n. 2, p.124 137, 2017. Em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S215-25912017000200009

DOLTO, F. . . **A causa dos adolescentes**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

ERIKSON, E. **Identidade, Juventude e Crise**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1976.

FRAZER, Sir J.G. **O Ramo de Ouro**. Trad.: Waltensir Dutra. Zahar Editores, 1986.

FREUD, S. **Luto e Melancolia**. In Escritos sobre a psicologia do inconsciente. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. (Vol. 2, pp. 99-122). Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Trabalho original publicado em 1917[1915])

GOUVEIA, V.V., BARBOSA, G.A., ALMEIDA, H.J.F. & GAIÃO, A.A. **Inventário de depressão infantil – CDI: estudo de adaptação com escolares de João Pessoa** *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 44(7), 345–349, 1995. <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=ADOLEC&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=306943&indexSearch=ID>

HAMMER, E. F. **A técnica projetiva da casa-árvore-pessoa: interpretação de conteúdo** (E. Nick, Trad.). In E. F. HAMMER, E.F. (Org.), *Aplicações clínicas dos desenhos projetivos* (pp.121-153). Rio de Janeiro: Interamericana,1981.

HAMMER, E. F. (Org.) **Tests proyectivos gráficos**. Buenos Aires: Paidós, 1969..

JUNG, C. G. (1991). **Tipos Psicológicos**. Petrópolis: Vozes,1991. (Originalmente publicado em 1949).

KLEIN, M. Amor Culpa e Reparação e outros trabalhos. Tradução André Cardoso. Rio de Janeiro: Imago, 1921,1945,1975,1996.

KOCH, K. **O teste da árvore**. Trad. O. Mantovani, São Paulo: Mestre Jou,1968. .

KOVACS,M. **The Children`s Depression** Inventory: A self-rated depression scale for school – aged youngsters. University of Pittsburg,1983.

KOVACS, M. **Inventário de Depressão Infantil (CDI)**. *Psychopharmacology Bulletin*, 21 , 995–998, 1985.

ORGANIZAÇÃO PAN-MAERICANA DE SAÚDE OPAS. Folha informativa - Saúde mental dos adolescentes, 2018. https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5779:folha-informativa-saude-mental-dos-adolescentes&Itemid=839

RUDOLFH, K.D. **Adolescent depression**. In: I. H. Gotlib., & C. L. Hammen (Eds.), *Handbook of Depression* (pp. 444-466). New York: The Guilford Press, 2009.

SÁ, R.C.S.; ROSA, H.R., & TARDIVO, L.S.P.C. **Aspectos projetivos do desenho da árvore em adolescentes com e sem depressão: estudo qualitativo**. In Tardivo,Leila S.P.C.(Org). *Adolescência e Sofrimento Emocional na Atualidade*. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, p. 204 – 210, 2018.

SCHOEN-FERREIRA, T. H.; AZNAR-FARIAS,M.; SILVARES, E.F.M. **Adolescência através dos séculos**. Psic.: Teor. e Pesq., Brasília, v. 26, n. 2, p. 227-234, 2010.

SCHNEIDER,A.C.N; RAMIRES,V.R.R. **Vínculo parental e rede de apoio social: relação com a sintomatologia depressiva na adolescência**. Aletheia: Canoas, n. 26, p. 95-108, 2007.

SOUZA,A.S.L. **O desenho como instrumento diagnóstico: reflexões a partir da psicanálise**. *Boletim de Psicologia*, 61(135), 207-215, 2011. Em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S00065943201100020007&lng=pt&tlang=pt

TARDIVO, L.S.L.PC. **Adolescência e sofrimento emocional**. São Paulo: Votor, 2007.

TARDIVO, L.S.L.PC.; MARQUES,A.M.; MORAES, M.C.V. e TOSI, S.M.V.D.(2016). *O Desenho da Casa-Árvore-Pessoa no Contexto Brasileiro: Estudos de Fidedignação e Validade* (Projeto FAPESP n.2016/10115-8).

TARDIVO, L.S.L.PC.; PINTO JÚNIOR,A.(2012). *El test de apercepcion tematica infantil con figuras de animales en la evaluacion psicologica de niños victimas de malos tratos en el hogar*. Psicodiagnosticar (Buenos Aires), 22, 13-28.

TARDIVO, L.S.L.PC.; PINTO JÚNIOR,A. & VIEIRA, F. C. (2012). *Avaliação Psicológica de crianças vítimas de violência doméstica por meio do teste das fábulas de Duss*. Revista de la Asociación Latinoamericana de Rorschach, 10, 15-40.

VAN KOLCK, O. L. **Técnicas de exame psicológico e suas aplicações no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1981.

VAN KOLCK, O. L. **Técnicas projetivas gráficas no diagnóstico psicológico**. São Paulo, SP: EPU,1984;

YAZLLE,M.E.H. D. **Gravidez na adolescência**. Rev. Bras. Ginecol. Obstet. Rio de Janeiro, v. 28, n. 8, p. 443-445. 2006.

WINNICOTT, D.W. **Explorações psicanalíticas**. Porto Alegre. Ed. Artes Médicas,1994.

INVESTIGAÇÕES CONCEITUAIS, FILOSÓFICAS, HISTÓRICAS E EMPÍRICAS DA PSICOLOGIA

www.atenaeditora.com.br 
contato@atenaeditora.com.br 
@atenaeditora 
www.facebook.com/atenaeditora.com.br 